



SOCIALIZAÇÃO DE ADOLESCENTES DA ZONA RURAL DE BOQUEIRÃO: GÊNERO, ESCOLA E FAMÍLIA

Autor: Hosana Suelen Justino Rodrigues
Orientador: Prof. Dr. Jesus Izquierdo de Villota

Universidade Federal de Campina Grande, PPGCS, suelenhosana@gmail.com

Resumo:

A intenção deste trabalho está na articulação entre gênero, educação e família. A categoria gênero enquanto análise relacional dos indivíduos foi escolhida para por em xeque as organizações sociais vigentes. Nosso olhar é voltado para o conceito de educação para além dos muros da escola. Tomando a instituição escolar como espaço de socialização, como terreno fértil de formações de identidades, laços e planos de vida dos alunos e alunas. O que faz estes adolescentes deixarem a escola de lado para buscarem relações conjugais durante a adolescência é a problemática desta pesquisa de campo que apresenta temas que permeiam este universo empírico: como a relação destes com a escola, as percepções de poder e desigualdade de gênero, entre outros. Trata-se de uma pesquisa de doutorado em Ciências Sociais em andamento, tomando como metodologia a pesquisa qualitativa de caráter etnográfico, cujo recorte são os alunos do ensino médio do estadual de Boqueirão-PB.¹

Palavras-Chave: Educação de Gênero; Escola; Adolescência;

APRESENTAÇÃO

A rotina escolar incorpora o cotidiano das práticas sociais diversas como família, trabalho doméstico, amizades, laços afetivos e sexuais, além de questionar e/ou reproduzir percepções sobre gênero e a sexualidade dos alunos. A tomada da escolha de um companheiro conjugal na vida das interlocutoras é um fenômeno social que é influenciado e influencia a rotina escolar. Estudar para essas meninas é sinônimo de liberdade. Frequentar este espaço social aumenta em muito a probabilidade da escolha do parceiro conjugal ideal.

¹ A fim de preservar a privacidade dos alunos, não identifico o nome da escola na qual realizamos a pesquisa. Além disso, os nomes citados dos alunos são nomes fictícios.



O contexto social da cidade e dos moradores da zona rural é formado por homens e mulheres que se casaram ou se juntaram entre 13 e 17 anos, e que tiveram o seu primeiro filho logo assim que iniciaram esta relação conjugal. Estes adolescentes cresceram vendo os problemas diversos que suas famílias enfrentam como tristeza profunda das mães, dificuldades financeiras, violência doméstica. Estes filhos falam de como as suas mães se separaram e de como é doloroso até hoje ser filho de pais separados. O que faz estes adolescentes deixarem a escola de lado para buscarem relações conjugais durante a adolescência é a problemática desta pesquisa de campo que apresenta temas que permeiam este universo empírico: como a relação destes com a escola, as percepções de poder e desigualdade de gênero, entre outros.

O espaço das relações com a escola forma uma configuração social conforme teoriza Norbert Elias (2011). A configuração consiste numa formação social de interdependência entre os indivíduos, em que uns estão ligados a outros por dependências recíprocas de variados níveis de intensidade. A reprodução deste recorte social supõe um equilíbrio móvel das tensões. As dimensões na figuração de alunos podem ser variadas. Cada fio que compõe a rede é um aluno que se liga a outro, a um funcionário da escola, a professores e pais. Em cada figuração existem teias de sujeitos que se distribuem em séries de antagonismos instáveis, móveis, equilibrados. Este movimento de conflitos, equilíbrio e tensão é o que torna possível a existência desta rede de pessoas.

Tomamos por exemplo de fios desta rede as meninas solteiras. As suas relações dentro e fora da escola que permitem a perpetuação de uma formação social em busca de melhores condições de vida. Isto pode se dar por meio de uma relação idealizada com um garoto da região que ocasiona conflito entre elas. A partilha entre elas dos elementos e recursos que permitem a conquista e, às vezes, separação de casais. Provoca um movimento de tensão e equilíbrio que reproduz essa figuração.

A figuração formada pelas garotas a procura de pretendentes está ligada à um ideal de organização da vida em prol do capital simbólico de casada e da sensação de liberdade. A rivalidade entre as garotas para desfrutar de uma relação conjugal envolve múltiplas relações: o consentimento ou conflito com os pais, apoio ou tensão com as amigas ou colegas, dinâmicas de interação de sala de aula.

Diante dessas razões, discutir gênero e sexualidade na sala de aula, torna-se uma opção pertinente para construir uma consciência das relações como efeito das interações de poder. Os



conteúdos ministrados durante as aulas de sociologia, filosofia e história promovem abordagens amplas, questionando ações, símbolos e representações do feminino e masculino para os alunos. As aulas que possuem a temática de gênero, relacionamento afetivo e conflito pessoal recebe um feedback muito positivo tanto de alunos, quanto as alunas. Durante as abordagens do tema percebe-se uma atenção dos alunos e um maior envolvimento deles, tanto nas discussões, quanto nos exercícios de avaliação contínua. Os resultados da abordagem de gênero e poder na sala de aula serão apresentados neste texto.

METODOLOGIA

Este artigo foi desenvolvido a partir do contexto de uma pesquisa de campo com estratégia metodológica etnográfica. A pesquisa de campo em andamento é vinculada ao doutorado em Ciências Sociais e é realizada em uma escola estadual no município de Boqueirão-PB. Trata-se de uma pesquisa qualitativa por perceber que as técnicas que a mesma orienta são mais eficientes para dar conta das sutilezas do pensar, sentir e agir dos adolescentes. Como técnicas de coletas de dados realizamos entrevistas semi-estruturadas, observação participante durante as aulas, conversas informais, diário de campo e conversas nas redes sociais.

O campo empírico dos adolescentes de Boqueirão se tornou um recorte interessante de pesquisa por apresentar adolescentes com performances voltadas para relações conjugais relacionadas ao tempo limite de permanência deles na escola, durante o ensino médio. O que intriga é que a escola oferece um bom respaldo para que estes jovens passem no vestibular e construam uma vida profissional sólida. Mas ao mesmo tempo existe um estímulo das estruturas sociais da cidade a incentivar uniões conjugais de jovens desde os 13 anos de idade, oferecendo casas para eles morarem por exemplo.

A construção de uma etnografia desse cotidiano permite repensar os valores tradicionais do casamento, as relações de gênero e a influência da escola como ambiente de amplas socializações entre eles. A escola é uma instituição social que possui uma estrutura que é influenciada e influencia as histórias de vida dos alunos e das suas famílias. O lócus do universo da pesquisa são adolescentes estudantes do ensino médio, que possuem entre 13 e 17 anos e pertencentes aos turnos da manhã e da tarde da escola em questão. A referida escola conta com 60% dos alunos moradores



da zona rural de Boqueirão². A escola atende a mais de 30 sítios espalhados nos arredores da cidade.

Fazendo uma descrição superficial destes alunos podemos dizer que eles são atentos às redes sociais; possuem um estilo arrumado: usam acessórios, óculos, bonés, brincos, customizam as camisas da farda; as meninas vivem impecavelmente maquiadas, se sair o batom, elas vão ao banheiro retocar; são gentis, amáveis e educadas, andam em pequenos grupos, já os meninos são mais “indisciplinados”, mas dentro do esperado para a faixa etária dele; uma grande parte deles praticam esportes dos mais variados tipos, se demonstram apaixonados e vulneráveis às relações afetivas tanto quanto as meninas.

O que eles não apresentam são situações de violência física: não houve brigas nem por parte dos meninos e nem por parte das meninas, e nem relatos; não há uso de drogas na escola e nos muros dela nos turnos da manhã e da noite; também nunca ouvimos relatos de roubos dentro da escola (celulares, bolsas, dinheiro, canetas, entre outros) . Trazem em comum o fato de nunca terem ido à praia, cinema, shopping Center, viajado de avião, ou para fora do estado da Paraíba.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Conceito de gênero problematizado em sala de aula

Abordando a temática do gênero em sala de aula decidimos iniciar problematizando o uso da palavra “gênero” como sendo historicamente iniciada nas décadas de 1970 como oposição a noção de sexo. (MEYER, 2013) O desafio para os alunos foi o de entender o gênero separado das questões biológicas do corpo. A noção do comportamento construído de homem ou mulher como atitudes ou traço de personalidade incorporado pela cultura é acompanhado por uma incompreensão por parte do alunado.

Didaticamente é fácil para eles perceberem as diferenças apresentadas pelos homens e mulheres em suas relações familiares. Eles fazem isso relacionando ao comportamento que eles veem em suas casas e nas mídias sociais. Porém, quando a discussão se aprofunda e a autorreflexão chega a sua geração, temos vários depoimentos que apontam uma dissolução dos modelos do “ser menino” e “ser menina”. Meninas espontaneamente apontaram a si e as colegas como

² Dados disponibilizados pela secretaria da escola.



“comportamentos de menino”. As ações que elas elencaram ser de meninos e que elas faziam são: tratar os meninos como objetos para favores sexuais ou diversão, traição, sair com as amigas para dançar e beber, ter o seu dinheiro, não querer ser mãe. *“Ah professora esse negócio de coisas de menino e coisas de menina não existe. Porque se for assim, eu sou um menino!”* (Clara, 15 anos)

Relatos de meninas que fazem uso de bebidas alcoólicas para se divertir com as amigas, também foi enfatizado por meninas de 15 aos 17 anos em diversas situações. *“eu me lembro de uma festa da padroeira da cidade vizinha que agente foi... meu deus! Eu fiquei tão bêbada que mal me lembro o que eu fiz naquele dia”* (Giovana, 16 anos) A fala desta garota foi aceita com entusiasmo por várias colegas que participavam deste momento de conversa entre elas.

Falando dos meninos eles evidenciaram comportamentos explícitos de apaixonado, de sofrer pelo amor não correspondido ou por ter sido traído. Questionei a um grupo de meninos como eles descreviam a paixão masculina.

“Eu fico pensando nela direto. Parece que eu a vejo em todo lugar. Quando ouço as músicas, nos filmes, em tudo. É uma neura. Em casa eu fico somente pensando em quando encontrá-la o que eu vou dizer para ela. [você dorme direito?] nada demora é muito pensando.” (Carlos 17 anos)

Este comentário mostra que os meninos estão demonstrando abertamente o que sentem. Não possuem vergonha em uma roda de colegas de apresentar todas essas informações. Decidimos ir mais além e perguntamos: *quer dizer que não tem nada que seja diferente das meninas?* Eles coletivamente responderam: *“nós não queremos namorar somente pegando na mão, se a senhora me entende, né.”* Todos riram e concordaram, mas neste momento percebemos que houve vergonha da parte deles de assumir que possuem desejos sexuais com as garotas.

A situação relatada acima é problemática para os jovens. A maioria deles dos mais tímidos aos mais desinibidos experimentam ou querem experimentar relações sexuais, mas não querem se prender ao primeiro parceiro (a) em casamento. Por outro lado, vemos um discurso: *“mexeu casou!”* Há um código de honra na cidade em que alguns pais obrigam os filhos a assumirem a moça e casar com ela caso se descubra que houve relações sexuais. É notório inclusive entre alguns professores quando relatam fatos de sua vida ou da vida de parentes ou amigos, menção a esse código como algo que faz parte do cotidiano deles há várias gerações. Essas regras são para inibir as experiências sexuais dos jovens, provavelmente pela necessidade de se tentar diminuir as taxas de uniões feitas às pressas que acabam em poucos meses ou anos e trazem muito sofrimento para os envolvidos e os filhos desta união.



Além do debate em torno da problematização do conceito de gênero, houve uma abordagem das relações de gênero relacionadas ao poder. Partimos do pressuposto de que todas as relações sociais são conflituosas. (SIMMEL, 1995) E que, por serem conflituosas são relações de poder. A aula promoveu uma reflexão nos alunos no que se refere às percepções de poder que eles possuem de si nas relações. Foi questionado a eles: “*quais os poderes que você tem?*” A resposta: “*nenhum!*” Refizemos a pergunta modificando-a: “*falem do poder que esta sua colega tem!*” Nesta questão obtivemos respostas variadas: persuasão, sedução, irritação, traz alegria, consegue tudo o quer, fala muito, consegue se impor, entre outros.

O conteúdo desta aula consistiu em abordar a micropolítica do poder em Michel Foucault (2011) pontuando as diferentes situações em que eles manifestam o poder. Eles relataram ações que se encaixam em formas de poder proibitivas: proibir a namorada de usar certas roupas; proibir o namorado de sair com tal amigo; e outro de forma positiva: quando a professora motiva eles a estudar para o Enem. Além disso, a aula contemplou uma discussão a cerca de como o poder se revela no conhecimento. Como a sociedade legitima à autoridades o discurso como verdadeiro, e de como isso se estende as suas relações dentro da família. Neste ponto, a interação dos alunos foram proveitosas. Eles compreenderam que determinados assuntos em que eles tentavam conversar com os pais não recebiam credibilidade por se tratar de uma relação de poder. Falaram de como os pais não acreditam em seus sonhos e ideias. Perceberam que até mesmo as crianças possuem poder de manipular os parentes para fazer o que elas querem.

É muito importante os adolescentes e jovens terem acesso a esse tipo de informação a fim de cumprir com o objetivo da sociologia no ensino médio que é o de formar indivíduos conscientes. Neste contexto, a escola contribui para a formação de práticas sociais de gênero e uso da sexualidade. As discussões, conflitos, exercícios e conversas não se encerram ao final da aula. Elas perduram entre os pares no trajeto para casa, nas rodas de conversa e também por meio das redes sociais.

A escola participa diretamente do processo de aprendizagem pelos quais esses alunos são transformados em homens e mulheres. Anthony Giddens (2009) pontua que o que há na sociedade é um processo de estruturação que dá a ideia de movimento, de fluidez nos comportamentos. Estruturação social é um processo em que existe o uso de recursos para burlar as regras que estruturam os relacionamentos da cidade. As regras sociais impostas pelas estruturas e tradição familiar podem ser mudadas por meio dos comportamentos agenciais dos alunos.



O interesse desta pesquisa está nos mecanismos sociais pelos quais o gênero enquanto estrutura relacional orienta formas de pensar, sentir e agir dos alunos. Perpassados por práticas de poder. Dessa forma, o intuito é fazer uma análise de processos sociais mais amplos da vida destes jovens como a escolha dos pretendentes conjugais, percebendo como eles são marcados pelos processos de atualização de gênero. Como veremos a seguir.

Escola: ponto de encontro para experiências afetivas entre jovens casais

A escola para os alunos moradores da zona rural é um espaço de múltiplas socializações. É o contato com o mundo externo, com o universo das situações e possibilidades fora do sítio com a cidade. Os sítios que abastecem a escola de alunos estão localizados em até 30 km de distancia da cidade de Boqueirão. Existe uma distância de dois ou três quilômetros de uma casa para outra. Esses alunos são filhos (as) de moradores de grandes fazendas ou suas famílias possuem pequenos hectares que passam de geração a geração.

As alunas exibem uma performance que ao primeiro olhar parece vaidade e autenticidade, mas, logo depois percebemos que se tratava de um instrumento de sedução. Uma autopropaganda para realçar seus traços para ser notada, admirada, aceita e talvez escolhida. A performance dos corpos ocorrem em várias nuances. Cada uma manifestando ao seu jeito. Um penteado que realçasse seus cachos num penteado afro, ou sobrancelhas bem marcadas, ou o típico batom vermelho com uma boca bem torneada, retocada a cada intervalo entre uma aula e outra. Além disso, outras apostavam em calças justas e fardas customizadas para acentuar e marcar os quadris e definir a cintura. Junto com esses elementos sobrepõe um olhar aparentemente ingênuo, porém, atento a todas as oportunidades de trocas de olhares.

Foi posterior a esta informação que compreendemos os comentários desesperados e recorrentes de alunas de 14 e 15 anos que pertencem ao 1º ano médio: “*Professora eu estou encalhada!*” “*ninguém me quer!*” Algumas falavam a meia voz apenas para que ninguém as ouvisse com expressão de vergonha. Confesso que essas observações me deixaram curiosa, pois, moças com 15 anos, lindas, estudiosas, sem nenhum defeito físico ou mental, estão se sentindo envergonhadas por não possuírem um namorado? Foi com isso que eu tivemos o insight do por que a pressa para arranjam um casamento. A escola constitui um universo de grande interação com os meninos disponíveis para casamento. Por elas morarem isoladas do convívio de outros meninos que não sejam seus parentes próximos, e por toda a dificuldade de transporte, elas percebem inconscientemente como o momento de garantir o seu futuro marido.



As meninas usam de vários artifícios para cortejarem o seus pretendentes, inclusive os aparatos das redes sociais. A distância entre os sítios é superada pelas aproximações nas redes sociais diálogos são realizados, fotos são enviadas, tudo para manter acessa a interação e o interesse. Como afirma o ditado popular: “vale tudo no amor e na guerra”, essas moças entendem bem esse desafio. Ousam nas fotos sensuais publicamente no *Facebook* ou fazem “nudes” que são fotos com performances pornográficas que distribuem para seus namorados ou colegas. Sabem que essas fotos circulam para qualquer um que demonstre interesse.

Durante o ensaio da banda da escola, as moças se apresentam para ensaiar as músicas com roupas bem decotadas que mostram as peças íntimas, shorts curtos ou mini-saias que compõe uma performance com coreografias e olhares sensuais. Porém, fora deste espaço, nas salas de aula, elas são tímidas sérias, dedicadas aos exercícios de sala e bem comportadas. Parecem até ser outra pessoa.

No contexto social em questão, rapazes e moças se unem conjugalmente entre os 13 aos 16 anos. Namoros são iniciados e o casal adolescente decide “se juntar” para viver mais intensamente esse “amor”. Este ato cria consequências que refletem diretamente nas questões escolares. Em alguns casos, o motivo da união feita apressadamente é uma gravidez. Nicole tinha 14 anos quando descobri-se grávida. Imediatamente parou de estudar e foi morar na casa dos pais do garoto. O pai do adolescente expressava um código de honra familiar: “*buliu tem que casar!*”

A maioria das uniões de Boqueirão e dos sítios são feitas informalmente. E normalmente como os adolescentes não possuem estrutura financeira vão morar na casa dos pais do garoto, e caso a união se desfça o que também é recorrente, a moça volta para a casa dos seus pais. No caso de Nicole em que um filho surge para aumentar a incipiente família, o garoto é impelido pelas regras sociais a assumir a paternidade da criança. Ele que em período escolar, transfere-se para à noite e de dia busca um emprego para contribuir com as despesas dentro da casa dos seus pais. Em algumas situações o jovem pai vai se dispersando das atividades escolares e termina por abandonar a sala de aula.

No tocante a garota, ela passa a cuidar do filho e conforme o tempo passa, caso a união se fortaleça e o casal permaneça junto, vemos um discurso nostálgico de como a vida era maravilhosa quando ela era solteira e de como ela não pode mais desfrutar dessa vida. A fala das moças com 16 e 17 anos que pararam de estudar depois de se juntar é da consciência do valor dos estudos. É



permeada de um pessimismo voltado para as oportunidades que a vida ainda pode lhe oferecer. Falam da universidade, da casa própria, de carro, como sonhos do passado, como algo que elas desejaram e que agora ela não vê mais meios para conquistá-los.

Joseli juntou-se aos 14 anos. Vinda de uma família de comerciantes da cidade, ela traçava para si um excelente futuro. Planejava se formar em enfermagem e ter a sua casa. Sonhava com um casamento na igreja com todas as celebrações. Em vez disso, ela conheceu Matheus de 16 anos. Eles que faziam o primeiro ano do ensino médio, logo trocaram os cadernos pelas responsabilidades da vida conjugal. Joseli foi morar na casa da sogra e deixou os sonhos logo que nasceu o seu primeiro bebê, logo assim que eles se juntaram. Em uma conversa com sua prima, ela relatou que Joseli não estava feliz, bonita e arrumada como era antes. Para sua prima, o orgulho dela é grande demais para que ela diga que se arrependeu de ter casado.

Segundo o relato da prima de Joseli, ela agora não tem mais permissão de sair de casa sozinha. Não pode receber amigas, e até mesmo o contato com os parentes próximos ficou reduzido. Esta jovem é um retrato de várias vidas das adolescentes da região, que trocaram os sonhos de empoderamento financeiro, para serem, esposa e mães. A questão aqui a ser ressaltada é quais os valores sociais estão envolvidos nesta “escolha”? Porque existem poucos casos de meninas que se dizem casadas e felizes? Se há tantos exemplos de como as meninas e meninos estão sofrendo e se veem privados de diversão e dos seus sonhos, por que casos como o de Joseli e outros que incluem violência doméstica ainda estão por se repetir, já é que de conhecimento de todos na cidade?

Sexualidade como tabu social

A rotina da escola é cheia de preconceitos relacionados ao sexo e a vivência da sexualidade. O código de dificultar os envolvimento sexuais dos adolescentes é incorporado as tarefa da escola. Alguns professores e funcionários tecem comentários depreciativos sobre a experiência da sexualidade dos estudantes. A sexualidade de forma geral é tratada como algo feio que não pode ser falado e nem discutido com os alunos. *“Isso não é conversa para crianças.”* Foi assim que uma professora de geografia repudiou o desejo de um aluno em falar sobre namoro. Ela viu o interesse do menino como ousadia, como se ele quebrasse uma regra. *“Como já se viu um menino querendo saber o que é amor!”* Falou ela irritada com a insistência do aluno em querer se aconselhar com ela. O adolescente assim como a criança não é visto como ser humano completo (MORAES, 2013). E, desta forma é incapaz de entender as facetas do amor. O menino envergonhado e confuso deixa a



sala dos professores e vai conversar com os colegas. Essa é a rotina destes discentes. Eles se orientam uns aos outros por não receberem uma conscientização do próprio corpo e dos processos sociais que envolvem o relacionamento afetivo.

Para Gilda Fuks (1998) a sexualidade é toda forma de sentir, atuar que existe em nosso convívio. Fatos como repressão, medo e vergonha impedem muitas pessoas de se relacionar, de falar sobre esse assunto e até mesmo de se descobrir, de ter consciência de sua sexualidade. Ao que parece para as professoras da escola em questão não há a percepção que a sexualidade é algo mais amplo do que o ato sexual em si. E, além disso, há um preconceito que orienta os alunos para reprimirem as questões sobre orientação sexual.

É fato que a escola não está pronta para orientar sexualmente os alunos, e nem para acolher indivíduos que queiram manifestar outras formas de vivências sexuais que fujam do padrão da normalidade do lugar. A família e o ambiente escolar colaboram para a formação das desigualdades de gênero e da experiência reprimida da sexualidade do indivíduo, e isso ocorre de várias formas. Lidar com o desafio das novas tecnologias e redes sociais ainda é um caminho longo que a escola deve percorrer. A mídia segundo Ruth Sabat (2013) além de propor uma “educação” que foge do tradicionalismo da educação regular, transmite conhecimento enquanto diverte, ou seja, coerge o indivíduo seduzindo-o pelo atrativo de lazer e da novidade tecnológica. No estadual de Boqueirão há uma visão limitada das redes sociais e do uso de *smartphones*.

Uma moça estudante do terceiro ano, a fim de seduzir um rapaz, mandou um vídeo dela nua pelo *what's Zap* fazendo insinuações para ele. E ao final do vídeo tinha um recado: “*é assim que eu quero fazer com você!*” Este vídeo “nude” viralizou em toda a escola e rapidamente ganhou a cidade. A escola novamente foi envolvida nas questões da sexualidade dos alunos. Por causa deste motivo, celulares são proibidos na escola. Todas as vezes que alunos são flagrados com o celular eles são recolhidos e devolvidos apenas no fim do horário de aula.

Com este acontecimento percebemos como a escola funciona como o panótipo de Michel Foucault (2011) a fim de vigiar, controlar e punir os comportamentos dos alunos. Há uma tendência a docilização dos corpos para o não desfrute dos relacionamentos afetivos. A escola age na função que tradicionalmente era dos pais. Questionando os alunos, eles relatam que os pais nunca conversaram com eles sobre sexo ou sexualidade. Percebe-se que o discurso dos pais é amedrontador. Usam exemplo de pessoas que estão sofrendo para alertar aos filhos que se namorarem este será o seu caminho.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os jovens e adolescentes de Boqueirão de forma geral possuem uma boa aprovação no Enem. A escola estruturalmente possui boas condições de ensino. Contando com merenda, água potável, banheiros limpos, salas de aulas limpas e com uma manutenção razoável se comparada a outras escolas de Campina Grande, por exemplo. A visão geral da escola é um lugar que trás bem-estar. A limpeza está em todos os lugares. O que reflete os valores das mulheres mais velhas da região que são dedicadas ao serviço doméstico com muito afinco. Os professores são bem qualificados, realizam aulas fora do seu horário das aulas, fazem simulados, amostra pedagógica e amostra de talentos, além da banda marcial da escola que oferece aulas de música e dança para os alunos com treinos diários.

De forma geral a escola oferece suporte para que estes alunos estudem e possam escolher ser quem eles quiserem ser. Alguns alunos que já passaram pela escola fazem cursos de ampla concorrência, como medicina, direito e engenharias. Até este ponto da pesquisa que ainda está em andamento, percebemos que a maioria dos adolescentes da cidade colocam a relação conjugal-afetiva como um meio para conseguir num futuro resolver a sua vida profissional. Alguns saem de casa alimentando ter melhores condições de vida, como terem um quarto para si, comida na mesa todos os dias. Mas o que acontece após a união conjugal é diferente em alguns casos.

É verdade que há uma ligação muito forte deste destino escolhido pelos adolescentes dos que seus pais fizeram no antepassado. Eles cresceram vendo as dificuldades dos pais. Algumas famílias até vivem a violência doméstica junto da pobreza extrema. Mas devemos questionar para os trabalhos futuros: quais as motivações sociais que levam estes adolescentes a desejarem se unir em relações afetivas-conjugais no momento da adolescência? A hipótese neste momento inicial da pesquisa é que falta para eles uma espécie de inteligência social e emocional que guie, analise, planeje e execute os seus sonhos em desejos executáveis.

O status da mulher casada se sobrepõe ao status da mulher feliz. O fato da cidade supervalorizar as mulheres que se casam sem se questionar sobre se elas são felizes ou não também é um campo fértil para análises futuras. A própria condição social que a transição da vida infantil para adulta que a adolescência representa, colabora para que estes indivíduos sociais não percebam o poder social que possuem enquanto agentes transformadores da sua própria realidade.



Enfim, como afirma Scott, a análise das relações de gênero devem ser percebidas relacionando o indivíduo aos seus diversos contextos sociais, como geração, classe social, identidade, religião, etnia e outros. Escolhi aqui discutir sobre a relação que a escola e a educação têm na vida adolescente. E de como as decisões que eles tomam podem contribuir para afetar o destino destes adolescentes na escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIAS, Nobert. Sociedade de corte. Rio de Janeiro: Zahar editora, 2001.

GIDDENS, Antony. A Constituição da sociedade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: edições Graal, 2011.

SIMMEL, Georg. Le conflit. Paris: Editions Circe, 1995.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. In: Louro, Guacira Lopes. Corpo, Gênero e sexualidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2013

MORAES, M. V. Malheiros. Mimeis e infância: notas sobre a construção de uma infância na escola da educação infantil. In: Dawsey, James. Antropologia e performance NAPEDRA. São Paulo: terceiro tempo, 2013.

GILDA Fuks. Sexo sem vergonha. São Paulo: Gente, 1998.

RUTH, Sabat. Gênero e sexualidade para o consumo. In: Louro, Guacira Lopes. Corpo, Gênero e sexualidade. Rio de Janeiro: Vozes, 2013